



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Prosperidade

código
AVII-FO8-Mir

localização
Paraíso do Tobias – 2º distrito

município
Miracema

época de construção
25/03/1875

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
criação pecuária / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



Fazenda Prosperidade, fachada principal

coordenador / data
equipe
histórico

Marcelo Salim de Martino – jun/jul 2009
Vitor Caveari Lage, Jean Rabelo Ferreira, Lia Márcia de Paula Bruno e Vera Lúcia Mota Gonçalves
Marcelo Salim de Martino

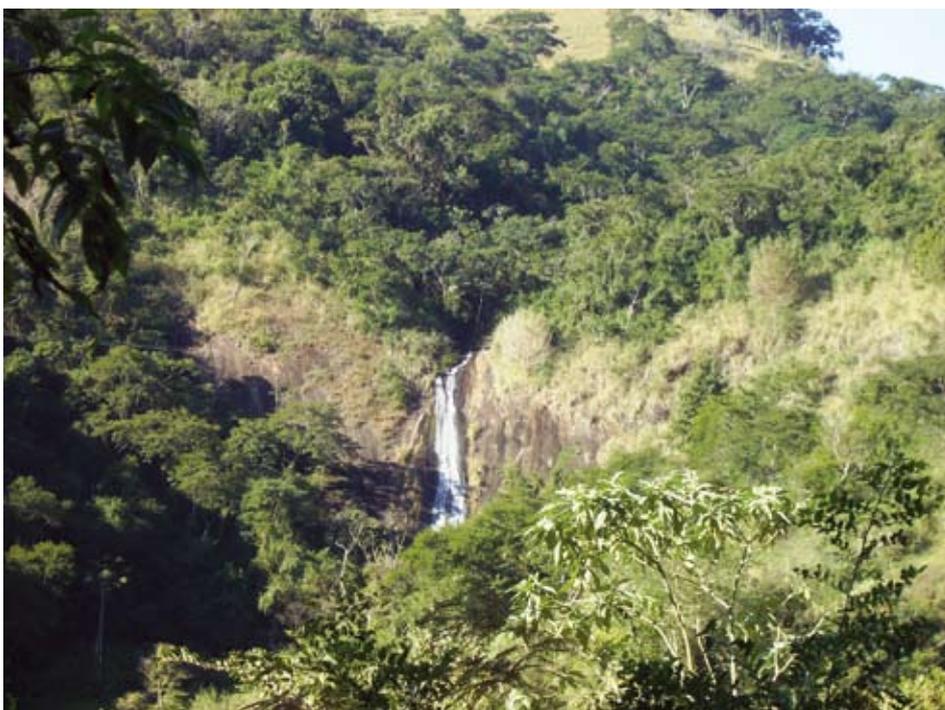
revisão
Coordenação técnica do projeto

A Fazenda Prosperidade está situada em Paraíso do Tobias, 2º distrito de Miracema, cujo acesso é feito a partir da RJ-200, que tem início num trevo localizado na RJ-116, próximo à Usina Santa Rosa. Atravessando a ponte situada logo na entrada do distrito, tem-se acesso a poucos metros, pelo lado esquerdo, à RJ-186 (estrada sem pavimentação), que liga Paraíso do Tobias ao município de São José de Ubá. A 6 km da sede distrital, está localizada a Fazenda Prosperidade. Na RJ-186, existem diversas propriedades rurais, destacando-se as fazendas Santa Inês, Mantinéa, Maravilha, Pirineus e União.

A certa altura da estrada, já próxima à Fazenda Prosperidade, avista-se a pedra “Olho da Baleia” (f01), localizada na Fazenda Pirineus. Do lado esquerdo da mesma estrada, pode ser vista também uma cachoeira (f02), que pertence ao Sítio Santa Verônica, de propriedade do Sr. Renato Gripa. Ambas são importantes atrativos naturais, que muito valorizam aquela região, que possui forte apelo turístico.



01



02

Segundo informações prestadas por seu atual proprietário, Plínio Bastos de Barros Neto, a casa-sede (f03) foi edificada conforme os modelos tradicionais implantados na região de São José das Três Ilhas, atualmente distrito de Belmiro Braga (MG), próxima ao Vale do Paraíba, berço de sua família.

Na década de 60 do século XX, foi realizada uma reforma que descaracterizou a construção, substituindo-lhe ou retirando elementos decorativos, como as sobrevergas de estuque das janelas (f04), os cunhais que colocaram à mostra os esteios de madeira (f05), o telhado de quatro águas (f06), o acabamento da alvenaria, das portas e janelas, originalmente nas cores branco e verde colonial, respectivamente, e os basculantes de estrutura de ferro, instalados nos banheiros, solução muito difundida na região a partir da década de 1950.

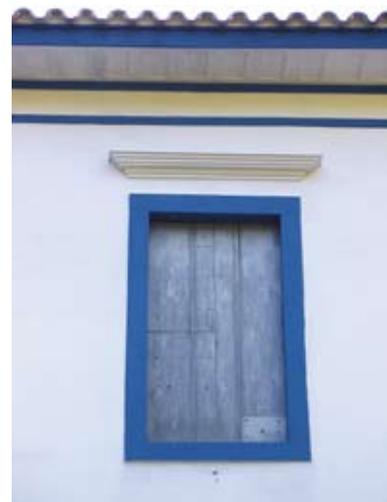
Nas fachadas, todos os vãos de janelas e portas são em verga reta, vedada por esquadrias de folhas cegas enrelhadas com ombreiras aparentes (f07).

O telhado em quatro águas é coberto com telhas do tipo capa e canal, com requintado beiral forrado em madeira do tipo saia e camisa (f08). Arrematando a cobertura, duas peanhas de cerâmica vitrificada (f09).

Interiormente, a casa-sede está passando por uma grande reforma. Foi possível verificar, por ocasião do



03



04



05



06



07



08



09

levantamento de campo, que algumas das paredes internas são de pau-a-pique (f10) e as externas de alvenaria de tijolos maciços. Todo o forro foi retirado e o piso em madeira recuperado à feição original (f11). Só um cômodo mantém forração original em taquara (f12), prática tradicional da arquitetura rural nos ambientes mais simples, também encontrada na Fazenda Liberdade, cuja propriedade pertenceu à mesma família Barros. A casa-sede, que possui planta retangular, tem fachada principal térrea (ver f03) e fachada de fundos edificada sobre porão alto e habitável (f13), aproveitando a declividade do terreno. Foi removido, também, um alpendre, construído posteriormente, existente na porta da antiga cozinha, onde



10



11



12



13

outrora, a proprietária preparava compotas de doces num amplo fogão a lenha. O local servia também de escola. Hoje, em seu lugar há um extenso gramado, arrematado por uma mureta de alvenaria de cimento, que coroa o muro de pedra seca que se volta para a fachada lateral esquerda da casa-sede (f14).

Na fachada lateral direita, encontra-se gravado em relevo a data da construção (ou do seu término) da casa-sede: 25/03/1875 (f15).

A fachada dos fundos possui duas portas que dão acesso ao porão, o que também pode ser feito através das fachadas laterais (f16). Em seu interior, foi constatada a existência de um antigo forno a lenha (f17). Um novo acesso para o interior da casa-sede está sendo construído. Todo o madeirame desta parte da construção está sendo tratado e as peças irrecuperáveis estão sendo substituídas (f18).

Esta parte da casa-sede (fachada dos fundos) é protegida por um extenso muro de arrimo em pedra (ver



14



15



16



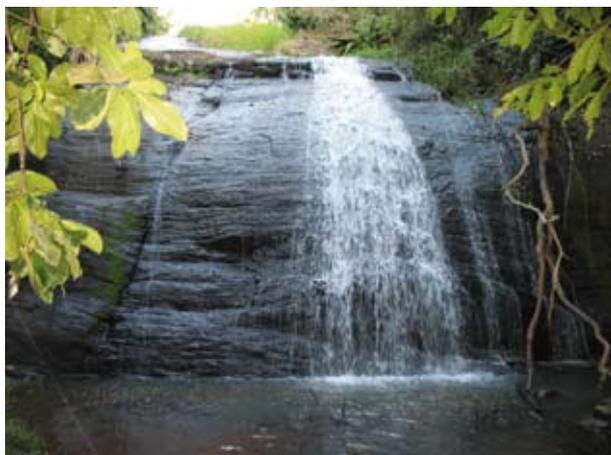
17



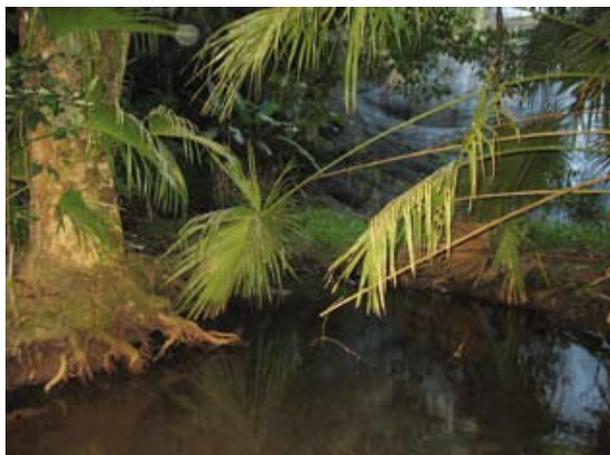
18

f13), por onde, através de um túnel subterrâneo, corre a água que vem do outro lado da propriedade e que desemboca na cachoeira situada um pouco mais à frente (f19) e que forma um lindo lago, em parte submerso pela vegetação nativa (f20).

Próximo à fachada lateral direita, se tem acesso a uma escada de pedra-seca (f21), que leva, acima, ao terreiro de café (f22) e, para baixo, a uma cachoeira e aos antigos tanques utilizados para a lavagem do café (f23), que dão mais beleza ao local, que possui clima agradabilíssimo e vegetação remanescente de mata atlântica (f24). Grande parte do material – peças de madeira, tijolos e telhas – que está sendo utilizado na obra, foi adquirido



19



20



21



22



23

em demolições pelo atual proprietário.

O antigo terreiro de café (ver f22), muito extenso, fica localizado defronte à fachada frontal da casa-sede. Em seu entorno, estão localizados um moinho de fubá (f25), uma máquina de beneficiar café, secadeira e despoldador de grãos conjugados (f26), além de paiol de madeira utilizado para guardar milho, café e cereais de uso da fazenda (f27).

Por trás do moinho, localizava-se o antigo pomar, onde podemos encontrar algumas jabuticabeiras, além de pés



24



25



26



27

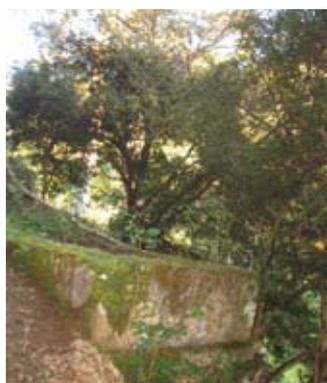
de café que ainda frutificam (f28).

O paiol, construído em madeira, é muito interessante e está em perfeito estado de conservação. Possui telhado de quatro águas coberto com telhas do tipo capa e canal com beiral forrado e decorado com mãos francesas simples (f29). Esta construção lembra muito as edificações encontradas no sul do país.

O galpão possui estrutura de madeira, sendo aberto nas laterais e recoberto de telhas capa e canal. É utilizado para guardar material de uso da fazenda. Ainda no terreiro, estão localizadas caixas e depósitos d'água (f30), além de uma edícula com cobertura em duas águas, atualmente utilizada como depósito de materiais e peças de antigas máquinas da fazenda (f31).

O armazém e a casa do colono (f32) ficam localizadas num plano mais baixo que aquele onde estão a casa-sede, o terreiro, o moinho e o paiol. Esta é a primeira construção com a qual nos deparamos quando entramos na estrada da fazenda (f33). Possui cobertura de duas águas, um grande salão onde ficava instalado o armazém (f34), três quartos (f35), cozinha (f36), banheiros e área externa sendo atualmente utilizada como residência enquanto a obra da casa-sede não é concluída. Destaca-se o beiral forrado de taquara, que confere peculiaridade à construção (f37).

Em seu interior, encontram-se preciosidades como móveis e objetos de uso pessoal dos proprietários, a exemplo



28



29



30



31



32



33



34



35



36



37

de um lindo jogo de toailete composto de jarro, bacia, porta-escovas, saboneteira e urinol com tampa em louça inglesa do início do século XX (f38).

A tulha é uma construção que fica localizada na área mais baixa da fazenda, na parte dos fundos da casa-sede. Possui telhado em quatro águas, coberto com telhas do tipo capa e canal, e beiral forrado com trançado de taquara. Esta edificação constitui um único cômodo que atualmente é utilizado para guarda de material (f39).

Na chegada da estrada que dá acesso ao platô onde estão localizadas a casa-sede, o terreiro de café, o paiol, o moinho e uma extensa área gramada, encontram-se as ruínas de uma antiga construção, provavelmente o alicerce da nova casa-sede, inacabada e abandonada, como na vizinha Fazenda Santa Inês, em decorrência da abolição da escravatura (f40). Trata-se de uma edificação em pedra com arcos plenos e óculos de tijolos maciços, que, atualmente, é o mais importante atrativo arquitetônico do conjunto formado pela Fazenda Prosperidade (f41).



38



39



40



41

A casa-sede está passando por uma grande obra de reforma, com adaptações compatíveis às necessidades atuais dos proprietários, buscando a reconstituição parcial de como teria sido na época de sua construção (f42 e f43). Novas escadarias de acesso estão sendo construídas nas fachadas principal, lateral direita, lateral esquerda e de fundos (f44). A divisão interna ainda não está muito definida, pois muitas paredes estão sendo remanejadas e outras construídas.

Externamente, ombreiras, peitoris e portais de janelas e portas foram recuperados e/ou substituídos. Novas portas e janelas estão sendo confeccionadas para substituírem aquelas que se encontram deterioradas ou atingidas por xilófagos do tipo cupins de solo.

Peças do assoalho do tipo “paralelo” também estão sendo repostas (f45), e está sendo realizada uma reforma geral das instalações elétricas e hidráulicas.

O antigo terreiro de café, que se tornou um grande depósito de material de construção a céu aberto, necessita de recuperação em algumas partes (f46).



42



43



44

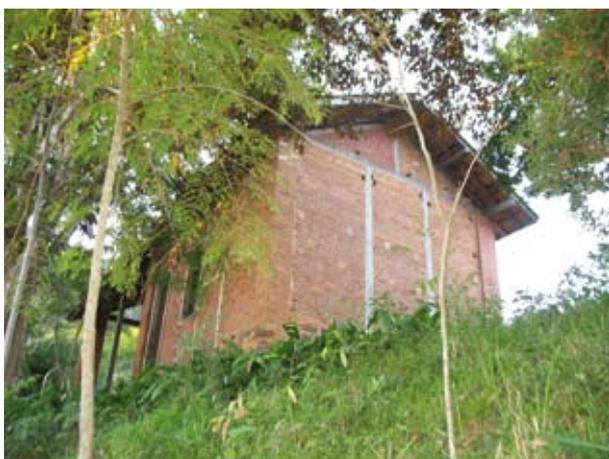


45



46

O moinho também está em boas condições de conservação, necessitando, porém, de pequenos reparos (f47). O paiol, que aparenta estar em perfeito estado, merece atenção especial por ser uma edificação de madeira, fato este que pode atrair insetos do tipo xilófago e comprometer toda sua estrutura rapidamente (f48). O armazém / casa do colono foi recuperado recentemente, para funcionar provisoriamente como residência, até que as obras da casa-sede estejam totalmente concluídas (f49). Toda sua forração e assoalho foram recuperados nos padrões originais, bem como refeitas as instalações elétricas e hidráulicas (f50 e f51). A tulha, da mesma forma que o armazém e a casa do colono, foi reformada. A alvenaria foi pintada de branco, o madeirame da estrutura e as ombreiras, peitoris e portais das janelas e portas em azul colonial e as portas e janelas em ocre. O interior não apresenta revestimento no piso, permanecendo o chão em terra batida (f52 e f53).



47



48



49



50



51

As ruínas necessitam de algumas intervenções, a fim de que sejam consolidadas para que sobrevivam por tempo maior (f54). Partes das paredes de pedra foram desfeitas e, algumas árvores (paineiras) que nasceram em seu interior podem estar comprometendo sua integridade e estabilidade (f55). Segundo o proprietário, esta será a próxima etapa das obras de recuperação a serem realizadas, tão logo terminem as obras da casa-sede. Alguns preenchimentos foram feitos no passado com tijolos maciços (f56). A área interna é forrada por um gramado que valoriza o espaço (f57).

É importante destacar que toda a reconstituição está sendo executada pelo mestre miracemense, Sr. José Geraldo de Souza Ribeiro, morador de Paraíso do Tobias, segundo distrito de Miracema, onde é conhecido por todos como “Zé do Rádio”.



52



53



54



55

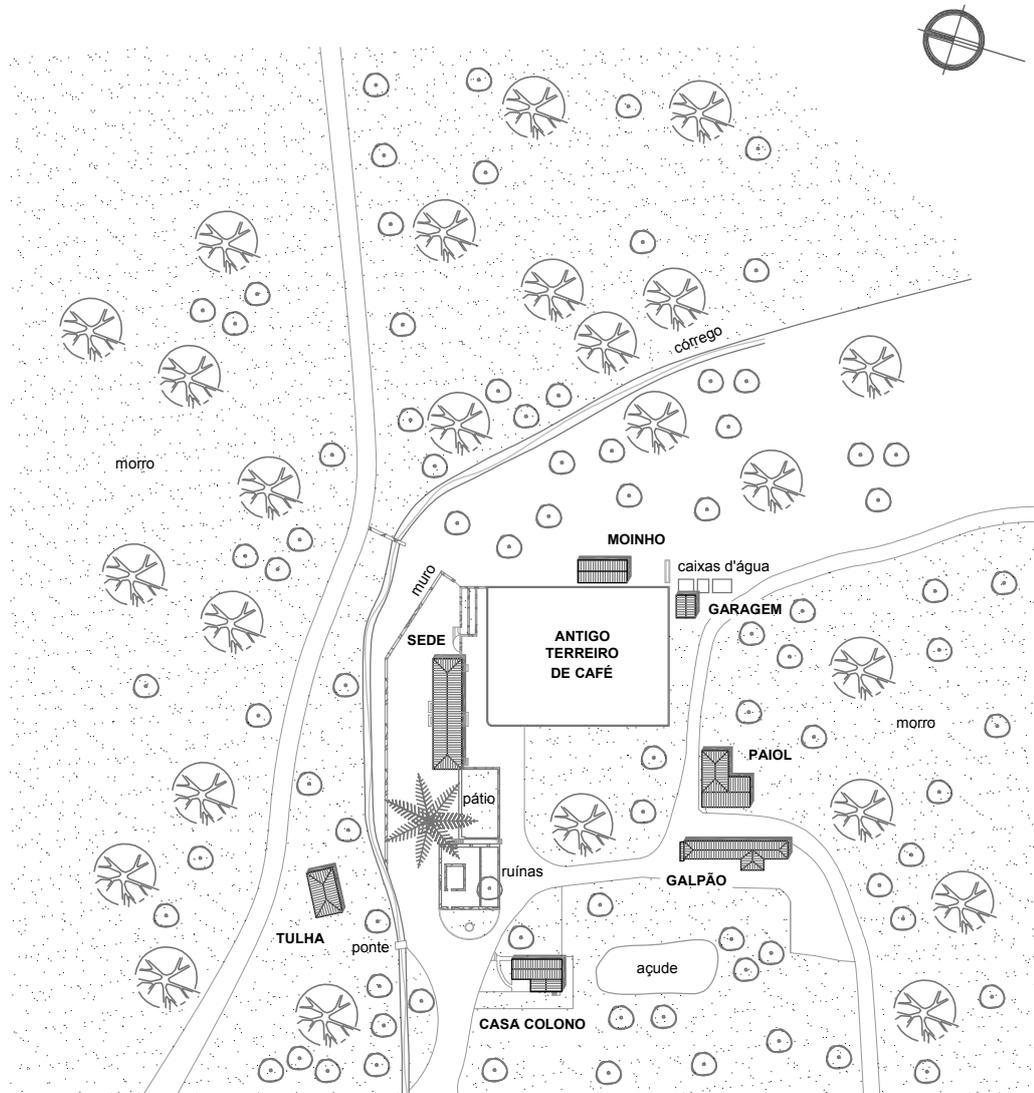


56



57

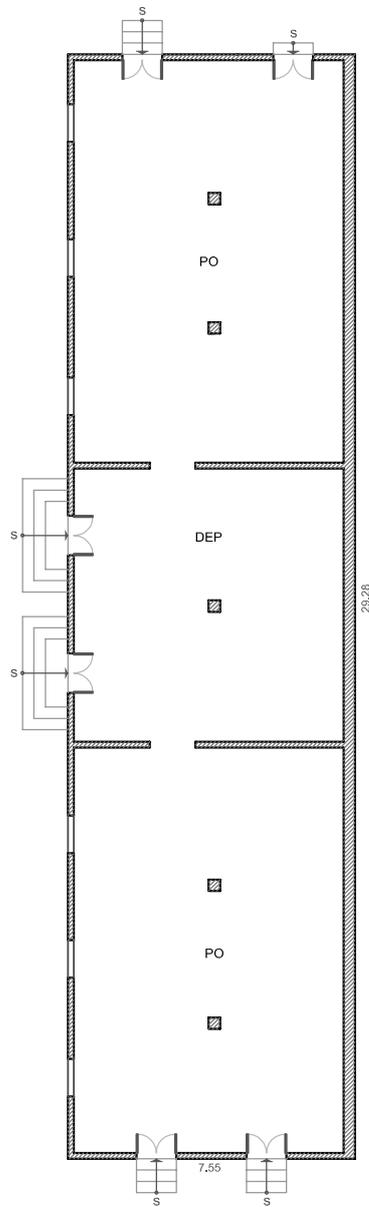
FAZENDA PROSPERIDADE



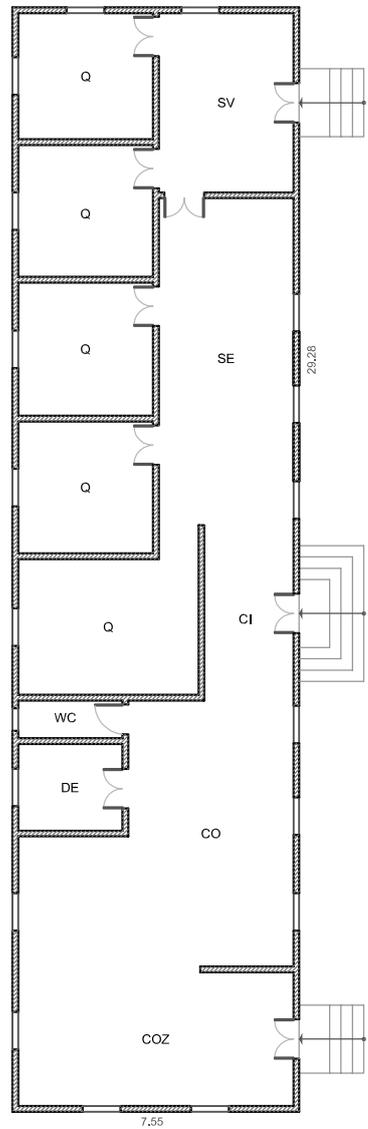
1 Implantação
escala: 1/2000



FAZENDA PROSPERIDADE



1 Planta Baixa do Porão
escala: 1/200

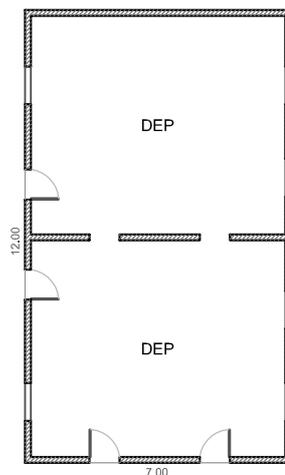


2 Planta Baixa da Sede
escala: 1/200

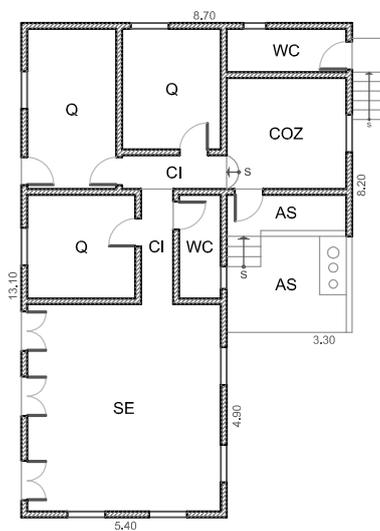


CI - circulação	COZ - cozinha	DEP - depósito	Q - quarto	SV - sala de visita	alvenaria existente
CO - copa	DE - despensa	PO - porão	SE - sala de estar	WC - banheiro	alvenaria demolida

FAZENDA PROSPERIDADE



1 Planta Baixa da Tulha
escala: 1/200



2 Planta Baixa da Casa do Colono
escala: 1/200



AS - área de serviço COZ - cozinha Q - quarto WC - banheiro
CI - circulação DEP - depósito SE - sala de estar

▨ alvenaria existente
▤ alvenaria demolida

Segundo Roberto Simonsen, em sua obra *Aspectos da história econômica do café*, a grande expansão cafeeira se firmou definitivamente no Brasil, quando atingiu, no território fluminense, as zonas “dos desertos das montanhas, vastos tratos de terra cobertos de matas e habitados pelos índios Puris, Sucurus e Coroados, daí repelidos ou exterminados pelos cafeicultores. Com o entusiasmo decorrente do rápido enriquecimento de muitos dos agricultores de café, novas e grandes plantações se fizeram, espalhando-se celeremente pela província. Abandonavam-se as fazendas de antigas culturas e as terras já lavradas, dando-se preferências às zonas florestais, que a prática ia indicando como as mais produtivas.”

Ainda segundo o autor, o Vale do Paraíba foi a região do estado em que se verificaram os melhores resultados e “daí a extensão da cultura pelas suas margens, galgando as numerosas serras que o circundam e os seus vários afluentes. Pela margem esquerda do grande rio, as plantações invadiram a zona da Mata, em Minas Gerais, atingindo para logo as antigas regiões já transitadas pelos primitivos mineradores, onde se localizavam núcleos de populações, vilas e aldeias fundados ou mantidos pelos seus descendentes.”

Foi por esse motivo, pela proximidade com o estado de Minas Gerais e pela quantidade de terras férteis e devolutas, habitadas pelos Puris, que fizeram com que Miracema, primitiva Santo Antônio dos Brotos, fosse fundada entre 1840 e 1842, formando grandes fazendas produtoras de café.

A Fazenda Prosperidade foi fundada, em 1875, pelo coronel Apolinário de Barros, recebida por doação de seu pai, Francisco Bernardino de Barros, que a desmembrou da Fazenda Santa Inês, como escreveu Heitor de Bustamante em sua obra *Sertões dos Puris*, página 60:

“Há cerca de um século, o mineiro José Ferreira Brandão comprou pela importante quantia de sete contos de réis uma sorte de terras que, começando na Fazenda das “Três Quedas do Bonito”, naquela época de Sebastião Gomes Teixeira Jales, ia terminar na divisa de outra freguesia, no lugar que depois se chamou São Felipe, compreendendo todo o vale superior ao Ribeirão Bonito.

“Mais tarde cedeu aos três sobrinhos as glebas em que eles formaram as fazendas: São Luis, de Custódio Bernardino de Barros, hoje correspondente às fazendas de propriedade de Joel Azevedo, de Maria Niméa Salvador Bravo e filho e de Norton e Ângela Amim Lopes; Paraíso, de Plácido Antônio de Barros, onde atualmente acha-se implantada a sede do distrito de Paraíso do Tobias e de muitos sítios; e Santa Inês, de Francisco Bernardino de Barros, que a desmembrou em diversas áreas, por doações que fez aos filhos que formaram outras fazendas, a saber: Antônio Apolinário de Magalhães Barros, a da Prosperidade e José Joaquim de Magalhães Barros, a de Santa Verônica; os genros Afonso Ernesto de Barros a de Boa Vista ou Califórnia, que mais tarde recebeu o nome de Pirineus, Ildelfonso Monteiro de Barros a da Mantinéia; Dr. Anastácio Rodrigues Coimbra, a da Mata; José Anastácio Coimbra a de São Thiago; José de Assis Alves, a da União; Antônio Miguel Coimbra, a de Santa Ana e Francisco de Assis Alves, a de São Felipe. E, por último, a Santa Inês, de Francisco Bernardino de Barros, que depois foi passada para o seu sobrinho Antônio Bernardino Monteiro de Barros. Em seguida, pertenceu ao capitão José de Assis Alves, que, em 1892, teve uma execução por dívida hipotecária, promovida pelo Banco do Brasil, da qual resultou a penhora da Fazenda Santa Inês, com todas as suas benfeitorias, o que a levou à primeira praça, em 19 de novembro do mesmo ano, pela avaliação de 124:336\$000. Foi adquirido por Joaquim Rodrigues Leite, que parece tê-la arrematado em praça pública e transferido a José Ventura Lopes, pai do capitão Antônio Ventura Coimbra Lopes.”

Ainda no final do século XIX, a Fazenda Prosperidade foi adquirida pelo coronel Joaquim Bernardino de Barros, mais conhecido por “Quinca Josino” (f58), filho do coronel Josino Antonio de Barros, proprietário da Fazenda Liberdade.



Família do coronel Joaquim Bernardino de Barros,
s.d, s.a., acervo do proprietário

58

Conforme depoimento do proprietário, Sr. Plínio Bastos de Barros Neto, “... os Barros de Miracema (RJ) descendem de José de Barros Monteiro, que com apenas 13 anos de idade chegou ao Brasil, vindo de Portugal em meados do século XVIII. Desembarcou no cais dos Mineiros, trabalhou inicialmente para um negociante da Praça do Peixe, mas logo seguiu para o interior de Minas Gerais, acompanhando o capataz de uma tropa de fazenda da tradicional família Leite, fazenda na qual se fixou e mais tarde se casou com Mariana Leite de Barros, filha de seu proprietário. O casal se estabeleceu então com uma fazenda de criação denominada “Fazenda Safira”, no rio Turvo, não longe da atual cidade de Andrelândia (MG), e se destinava a abastecer os centros populacionais da zona de mineração aurífera.”

O filho do casal, Antônio Bernardino de Barros, no final do século XVIII e início do século XIX, com o declínio da exploração do ouro e o surgimento das lavouras cafeeiras, comprou as duas “sesmarias das Três Ilhas” do guarda-mor João Francisco de Souza, colocou seu irmão Gabriel José de Barros na dos fundos, à qual deu o nome de São Miguel, estabelecendo-se na “Fazenda das Três Ilhas”, dedicando-se às lavouras de cana-de-açúcar e café.

Antônio Bernardino de Barros teve os seguintes filhos varões: Francisco Bernardino de Barros, José Bernardino de Barros, Gabriel Antônio de Barros, Plácido Antônio de Barros, Custódio Bernardino de Barros e Josino Antônio de Barros.

Gabriel José de Barros teve os seguintes filhos varões: José de Barros Monteiro, José Chrysóstomo de Barros, Ildelfonso Monteiro de Barros, Antônio Gabriel Monteiro de Barros e Francisco Justino de Barros.

Os filhos e netos das famílias formadas pelos irmãos Antônio e Gabriel, tendiam a não se casar com forasteiros, casando-se preferencialmente os primos com suas primas, segundo os costumes das tribos de Israel, dos quais seguiam certos preceitos. Com isso, quase todos em São José do Rio Preto, em meados do século XIX, tratavam-se por primos. Como na velha Sião, assim afirmava sempre, à época, Francisco Bernardino de Barros.

Foi Antônio Bernardino de Barros, o fundador, em suas terras, da antiga freguesia de São José do Rio Preto (MG), hoje São José das Três Ilhas, distrito do município de Belmiro Braga (MG). Seus filhos também se estabeleceram na região com grandes fazendas de café, entretanto, em meados do século XIX, três deles, do primeiro casamento com Fausta Ribeiro Moura de Barros, seguiram para uma sesmaria herdada do pai no noroeste fluminense, localizada mais precisamente na região na qual hoje se localiza “Paraíso do Tobias”, distrito do município de Miracema (RJ), onde Francisco Bernardino de Barros, casado com Ana Josefa de Magalhães Barros, fundou a Fazenda Santa Inês, Custódio Bernardino de Barros, casado com Rita Alvim de Barros, fundou a Fazenda São Luiz e Plácido Antônio de Barros, casado com Maria Cândida de Barros, fundou a Fazenda Paraíso, cujo nome, associado ao de seu genro Tobias Joaquim Rodrigues, casado com sua única filha, Maria Joana de Barros Rodrigues, dá o nome ao distrito acima mencionado, Paraíso do Tobias.

Permaneceram, entretanto, na região das Três Ilhas, com suas grandes fazendas de café, seus filhos José Bernardino de Barros, “barão das Três Ilhas” e Gabriel Antônio de Barros “barão de São José Del Rey”, que cuidaram, principalmente o segundo, da educação do irmão mais novo, Josino Antônio de Barros, filho do casamento do pai em segundas núpcias com Silvana do Vale Barros.

Tendo Josino Antônio de Barros (f59), por orientação e com o acompanhamento de seus dois irmãos mais velhos, completado seus estudos no Colégio do Caraça (MG), veio este visitar seus outros três irmãos estabelecidos em Miracema, onde acabou por se casar com Amélia Padilha de Barros e fundou a famosa Fazenda Liberdade.

A Fazenda Prosperidade, como as demais da região, produzia café. Nessa época, chegou a contar com 90 famílias de meeiros.



Josino Antônio de Barros, s.d, 59
s.a., acervo do proprietário

Foi uma das poucas a produzir o café e despulpá-lo na própria fazenda, que se constituía numa inovação para a época. Para isso, contava com o acompanhamento e assistência do Instituto Brasileiro de Café – IBC, que disponibilizou uma equipe de engenheiros agrônomos que chegaram a residir na fazenda.

Com o fim do ciclo do café, a fazenda dedicou-se à produção de arroz, milho e feijão, assim como leite e gado de corte, e isto já na época de Plínio Bastos de Barros, que, além de fazendeiro, foi também político, chegando a ser eleito prefeito de Miracema no período de 31/01/1951 a 30/01/1955, onde construiu, dentre outras obras importantes, o Estádio Municipal, que posteriormente recebeu o seu nome.

Segundo o testemunho do Sr. Mário Baiano, nascido há setenta e nove anos na fazenda, onde ainda reside, o Sr. Plínio, na época em que foi prefeito, saía da fazenda para Miracema às seis horas da manhã e só retornava por volta das 23 horas. Contou-nos que houve, em 1951, uma grande festa em honra de São José, numa parte da fazenda conhecida por Ventania, para comemorar a posse do patrão eleito prefeito do município. Disse que, até a década de 1960 a fazenda possuía 82 casas, campo de futebol, venda que abastecia toda a região, escola que funcionava numa barraca coberta de telhas, junto a uma das portas de acesso à casa-sede e Folia de Reis, do Antônio Augusto.

Atualmente, as principais atividades econômicas da fazenda são: a criação de gado Gir Leiteiro, PO, Girolando, produção de leite e cana-de-açúcar, destinada à ração para o gado.

Das fazendas fundadas pela tradicional Família Barros em Miracema, restam apenas duas: a Liberdade, de propriedade de Paulo Lima Barros, e a Prosperidade, de Plínio Bastos de Barros Neto, que pertence à quinta geração da família.

Fontes:

BUSTAMANTE, Heitor. *Sertões dos Puris, Casa do Homem de Amanhã*, 1971.

SIMONSEN, Roberto. *Aspectos da história econômica do café*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, publicação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1942.